Ano XVIII — Lisboa, Setembro-Outubro de 1962 — N.os 209-210

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

Agraciado com o «Lis de Prata» da Associação dos Escoteiros de Portugal

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607—Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A Formação Espiritual dos Escoteiros

Tese apresentada por John Thurman, Director do Campo Escola de Gilwell Park, à 18.ª Conferência Mundial de Escotismo, que se reuniu em Lisboa em 1961, e que serviu de base a uma das conclusões do referido congresso. Por conter doutrina de interesse fundamental para o Escotismo, temos o prazer de a oferecer aos nossos leitores.

«Uma organização do género da nossa não atingiria os seus fins se não conduzisse os seus membros ao conhecimento da religião».

B.-P.



1957: 16.º Congresso Internacional. Resolução de «Fé e Esforço»: «O Congresso, na qualidade de organismo central da Fraternal Mundial dos Escoteiros, por ocasião do centenário de seu Fundador e do cinquentenário do Escotismo no mundo, reafirma a sua fé nos princípios fundamentais do Escotismo tal como foi fundado pelo primeiro Escoteiro Chefe Mundial, o falecido Lord Baden-Powell of Gilwell. Esses princípios são os seguintes:

Cumprir seus deveres para com Deus;
Ser fiel à sua Pátria;
Crer na amizade e na fraternidade mundiais;
etc., etc.

«O Congresso crê firmemente que estes princípios, que já deram as suas provas, contribuem decisivamente para a formação do carácter de um rapaz dos nossos tempos...»

Em 1959 numa outra reunião do Congresso, um conhecido estadista mundial afirmou: «A verdade não é um monopólio de um indivíduo, de um grupo ou de uma religião qualquer».

* * *

Em 1924, numa época em que o Escotismo começava a organizar-se à escala mundial, os nossos predecessores disseram: «O movimento escotista não contribui para enfraquecer as crenças religiosas individuais. Pelo contrário, tende a fortalecê-las».

Trinta anos mais tarde, fomos nós que dissemos: «O Escotismo exige dos seus membros a adesão a uma religião reconhecida, que creia num poder espiritual superior ao do homem. O Escotismo marcha de mãos dadas com as diferentes autoridades religiosas. Desta forma, auxilia aqueles que buscam compreender esse poder divino».

* * *

A vossa comissão estudou o problema nestes dois últimos meses e é da opinião unânime de que *não se poderia admitir o emprego, para os adultos, de uma modificação da Promessa.*

Lembremo-nos que ninguém pode ser obrigado a aderir ao movimento escotista, mas que a Promessa é uma condição sem a qual não se pode tornar membro desse movimento.

Se aceitamos estas resoluções do Congresso, parece evidente que poderemos admitir ùnicamente a participação dos adultos que estão prontos a aceitar os princípios — inclusive os religiosos — que são a base do Escotismo:

Cada Chefe deve pertencer a uma religião definida, encorajar a prática das obrigações religiosas entre os seus rapazes e fornecer ensinamentos àqueles que nunca tiveram formação religiosa. Dispensar os Chefes destes cuidados é a um tempo perigoso, ineficaz e menos honesto. Tal estado de coisas tornaria o movimento escotista suspeito aos olhos das autoridades religiosas do mundo inteiro. Apoiam-nos por causa das nossas crenças e não apesar delas.

Podemos, contudo, aceitar a participação de alguém que procura sinceramente esclarecer-se, e creio mesmo que o devemos fazer; mas colocar deliberadamente os rapazes em contacto com um agnóstico militante ou com alguém que professe o ateísmo, não se pode justificar; é faltar ao nosso dever para com os rapazes e trair os princípios do Escotismo.

Se não estiverdes prontos a aceitar as regras do jogo, não podereis satisfazer aquela que vos permite jogar. Uma crença religiosa é a primeira das nossas regras; portanto, se não puderdes atender esta condição, a vossa participação não poderá ser aceita.

Em numerosos países, grupos de informação religiosa deram bons resultados.

Se nós chegarmos ao nível nacional, isto sem falar do nível internacional, e não conseguirmos levar a mensagem ao grupo activo de escoteiros, é porque naufragámos na nossa missão.

A eficácia da cooperação a um nível elevado mede-se sòmente pelos resultados obtidos com os rapazes.

Desejaremos que o movimento escotista seja di-

——→

A Formação Espiritual dos Escoteiros

rígido por homens que lhe aceitem todos os princípios fundamentais, ou quereremos uma grande concentração de rapazes reunidos numa organização chamada escotismo, cujos chefes não crêem em algo devidamente definido?

Os métodos escotistas podem produzir tanto o mal como o bem. Sòmente quando a finalidade procurada é justa é que o bem vem a seguir.

Um bom escotismo é o resultado de uma verdadeira união entre princípios e programa.

Devo aconselhar-vos cautela contra os seguintes perigos:

1) Contentar-se apenas com um bom entendimento com as organizações religiosas ao nível nacional.

2) Fazer do escotismo uma espécie de religião, (eis o grande perigo para o chefe jovem).

3) Deixar descer o nível moral do escotismo, como é o caso, sob muitos pontos de vista, de numerosos países.

4) Não tomar uma posição activa, com receio de ferir alguém.

5) Admitir compromissos sobre princípios, com o fim de elevar o número dos aderentes.

Como poderemos assegurar a formação dos nossos rapazes? Eis algumas sugestões:

1) Dar-lhes um chefe que aceite sem reservas os princípios do Escotismo.

2) Dar uma formação ao chefe de tal sorte que:

a) tenha a coragem das suas convicções;

b) se lhe tenha ensinado a forma de poder levar os rapazes à aceitação cada vez mais completa da religião e uma compreensão crescente dos deveres religiosos.

3) Aceitar sem reservas a autoridade das religiões existentes, quer elas sejam cristãs ou não.

4) Utilizar a Lei do Escoteiro no espírito em que ela foi concebida, isto é, como um apelo à acção positiva.

5) Impregnar os chefes, pela educação e pelo exemplo, ao nível nacional, dum espírito missionário que os animará nos seus esforços para levar o escotismo aos rapazes que dele têm necessidade.

6) Lembrar-vos que, até nos países prósperos, existe uma pobreza espiritual talvez maior que em qualquer outro período da história do nosso movimento. Nenhuma nação se pode permitir de viver à sombra do capital espiritual acumulado pelos seus ancestrais. Não estejamos demasiado satisfeitos connosco próprios.

7) Mostrar pela forma como dirigimos o movimento que continuamos a manter os esforços dos homens que se entregaram a uma tarefa difícil; que tanto os apoiamos quando se encontram em dificuldade, como os aplaudimos no momento da vitória. É melhor orgulharmo-nos do que o escotismo faz pela juventude do mundo inteiro de que nos vangloriarmos do próprio escotismo.

8) Procurar mostrar aos chefes como ligar o programa do escotismo à promessa escoteira. Cada insígnia que o rapaz ostenta deveria ser o sinal de uma capacidade adquirida para melhor cumprir a sua Promessa.

9) Fazer da Boa Acção uma realidade e não uma espécie de legenda. Vigiar porque ela seja precedida de um móbil religioso.

10) Fazer com que os chefes se apercebam da necessidade dos escoteiros compreenderem cada vez melhor a sua promessa e levá-los a empreender um esforço para realizá-la que seja comparável aos seus progressos na habilidade manual.

Deveríamos tornar-nos mais tolerantes para com as outras crenças.

«Ninguém tem o monopólio da verdade». Tolerância não quer dizer fraqueza ou enfraquecimento da nossa própria fé, mas equivale a dizer: «Isto é o que eu creio; no entanto, respeito o vosso direito de crerdes numa outra coisa».

Se não se fizer coisa alguma, nada poderemos atingir. O escotismo deve tornar-se militante na sua maneira de considerar os princípios fundamentais. Mas estes princípios, se não compreendem os deveres para com Deus, não têm qualquer valor.

O nosso fundador deu-nos uma promessa formulada em termos bem definidos e porr ordem decrescente de valores: «Deus, a Pátria, o Próximo». Esta ordem é vital, os nossos esforços devem tender a mantê-la.

Não tentei definir Deus. No Congresso Internacional de 1949, aqueles que nos precederam no Escotismo pronunciaram estas palavras para as quais chamo a vossa atenção:

«Isto implica o facto de aceitar por guia da nossa vida o que nós conhecemos de mais elevado e de reconhecer que, atrás de toda a vida, existe uma realidade espiritual que lhe dá finalidade e direcção. Isto implica outrossim os deveres para com Deus. Mesmo que seja impossível ao indivíduo formular com precisão o que entende por palavras tais como «espírito», «alma» ou «consciência», reconhecê-las pela experiência representa um passo para um conhecimento mais completo. Ao homem a quem é sinceramente impossível aceitar uma crença ou de fazer parte de uma confissão qualquer que ela seja, e que, contudo, continua buscando a verdade, pode com toda a honra fazer a promessa escotista».

* * *

O que se segue é formulado para bem do rapaz, pelo qual se preocupa o escotismo. No entanto, a eficácia destas sugestões pressupõe que o Chefe crê naquilo que faz e nos métodos que ele se esforça por aplicar.

1. Recorrei ao Tribunal de Honra (1) cuja função é de «velar pela honra do grupo e de ser o guardião dos princípios em todas as coisas». O que deve certamente incluir a honra espiritual do grupo.

2. Fazei todos os esforços para colocar o rapaz em contacto com o que de mais nobre houver na vida e, ao mesmo tempo, protegei-o de toda a tentação inútil e de todo o contacto com o mal, sob qualquer das formas como este se apresente.

3. De harmonia com a tradição dos escoteiros, utilizai a «arte de acampar», a vida nos bosques, a natureza e, duma maneira geral, as actividades de ar livre, a fim de levar os escoteiros a compreender as maravilhas da Criação.

4. Estai sempre prontos a discutir com os rapazes a sua atitude para com Deus e os problemas relacionados com este assunto.

5. Sede prontos a ajudar aquele que busca qualquer coisa, bem como a auxiliar aquele que duvida, a resolver as suas dúvidas.

6. Nas regiões onde isso seja possível, fazei com que se ore nas reuniões do grupo e nos acampamentos, orações que, cuidadosamente escolhidas, sejam compreendidas pelos rapazes e, por conseguinte, aceites por eles.

7. Igualmente nas regiões onde isso seja possível, utilizai o Serviço Religioso escotista como uma ponte entre a ignorância espiritual e a convicção completa.

DOS AÇORES

Grupo N.º 52—Angra do Heroísmo

ACAMPAMENTO DO MONTE BRASIL

Estiveram acampados no Monte Brasil, de 20 a 22 de Julho, para adestramento de novos aspirantes, os componentes do Grupo 52.

HOMENAGEM A DOIS CHEFES AMERICANOS

Compareceram à reunião mensal, em 25 de Julho, os dirigentes dos Escoteiros Americanos das Lajes, Martin J. Weimar e Ray Blanton, o primeiro dos quais apresentou cumprimentos de despedida, em virtude de partir agora para os Estados Unidos, depois de 4 anos de permanência entre nós.

Os componentes do 52 aproveitaram a oportunidade para homenagear os dois bons companheiros, tendo-lhes sido entregues pelo Chefe Moniz Silva diplomas de sócios honorários, com que foram distinguidos pelo Grupo. Nesse acto, o Chefe do 52 fez o elogio dos homenageados, tendo agradecido Mr. Weimar, visivelmente comovido.

Esteve também presente o chefe-adjunto americano, Jack Camery, que se declarou bastante impressionado com o cunho de sincera fraternidade de que se revestiu o acto.

ACAMPAMENTO DAS FAJÃS

O Grupo N.º 52 realizou o seu acampamento de verão numa aprazível mata das Fajãs (Água do Rato), sob a direcção do seu Chefe, de 3 a 13 de Agosto passado, nas proximidades do acampamento do «Troop 1 — Boy Scouts of America — Lajes», que esteve em campo desde o dia 1.

Os Escoteiros Americanos acamparam sob a direcção do seu presidente, E. C. Alford e do Chefe Ray Blanton, coadjuvados pelos chefes-adjuntos Jack Camery e Pete Vieira.

Houve vários Fogos do Conselho, espècialmente o de Sábado 4, em que os escoteiros americanos e portugueses actuaram em conjunto, confraternizando largamente.

Em 9, o acampamento foi visitado pelo General Le Bailly, comandante das forças americanas nos Açores, onde almoçou. Mais tarde, seguido da sua comitiva, composta pelo Coronel Lawrence, Majores Pinon e Shinn, Presidente Alford e Chefe Blanton, o General Lebailly acompanhou o Chefe Moniz Silva numa pormenorizada visita ao acampamento dos Escoteiros de Portugal, finda a qual teve palavras de louvor e incitamento para os componentes do 52 e declarando-se vivamente impressionado com o nível escotista que tinha encontrado.

No domingo, 12, o campo foi muito visitado por americanos e portugueses, tendo havido várias festas, uma das quais no acampamento dos Escoteiros de Portugal, que apresentaram uma audição de canções regionais terceirenses, muito bem interpretadas pelo aspirante do 52, Carlos Alberto Costa, filho do Chefe Narciso L. Costa, da P. S. P., e pela menina Elisa Delfina, acompanhados pelos exímios tocadores Amâncio Costa (à viola) e Armando Bettencourt (ao violão).

Outro motivo de muito interesse nas festas do dia 12, foi a apresentação de várias danças típicas dos Índios Norte-Americanos, nomeadamente da Tríbo Cherokee, interpretadas fielmente pelo Chefe Americano Ray Blanton, ele próprio descendente daquela tribo de peles-vermelhas.

No domingo, dia 5, os Escoteiros de Portugal e os Escoteiros Americanos, Católicos, assistiram à Santa Missa, na Capela Americana da B. A. 4 (Lajes), enquanto que no Domingo, 12, houve missa campal, celebrada pelo Rev. P.e João Mateus, da Congregação dos SS. Corações, no acampamento português, a que assistiram os americanos da respectiva crença.

Quanto aos restantes Escoteiros e Dirigentes Americanos, nas manhãs dos dias 5 e 12, deslocou-se das Lajes ao local do acampamento, o Major Shinn, Chefe dos Capelães Americanos na B. A. 4, que ali dirigiu um culto religioso das respectivas denominações.

* * *

Ao acampamento foi dado o nome de «Camp Tahlequah», pelos dirigentes americanos. «TAHLEQUAH» é uma palavra do dialecto *Cherokee* que quere dizer, literalmente, em inglês «Two will do», o que no nosso idioma poderemos traduzir por «Duas nações amigas», reportando-nos à nossa fraternal convivência no acampamento. — *C.*



Da esquerda para a direita: Os Escoteiros Luís Almeida, Amílcar Ramos, Jorge Ávila Gonçalves e Joaquim do Carmo, do Grupo n.º 52, constroem a mesa de campo.

PENSAMENTOS

A lisonja é moeda falsa à qual a nossa vaidade dá curso.

Se não podes ser um farol, podes, ao menos, ser uma vela.

A Formação Espiritual dos Escoteiros

8. Fazei esforços positivos para ligar as actividades escotistas à Promessa. Por exemplo, um rapaz aprende primeiros-socorros não sòmente para obter uma insígnia, mas também para ser capaz de melhor servir outrem e, por consequência, de desempenhar, as suas obrigações para com a Humanidade e, por meio da Humanidade, para com Deus.

9. Fazei conhecer aos membros do grupo os homens, dirigentes escotistas ou outros, que são sinceramente religiosos no melhor sentido desta palavra e que, pela sua acção e presença farão apelo ao que mais nobre houver no íntimo dos vossos escoteiros.

10. Fazei da Promessa Escotista, no seu conjunto, a base de toda a prática escotista. Que o seu ensino seja progressivo e adaptado à idade e ao desenvolvimento particular de cada rapaz.

Para terminar, eis três pensamentos:

1. B.-P. disse muitas vezes: «Deus foi bom para nós no passado, trazendo-nos até a este actual estado». Poderemos esperar um futuro próspero sem Deus?

2. «O que é preciso para que o mal seja elevado, é que os homens de boa vontade não façam coisa alguma».

3. «Exorto-vos simplesmente a reconhecer as vossas responsabilidades e obrigações que livremente vos comprometestes a cumprir».

* * *

Assim empreendamos ensinar aos rapazes a compreender e a cumprir os seus deveres para com Deus.

(1) Conselho de Guias do grupo.

Palavra de Marinheiro



por Manuel Ferreira

—Acabei, ontem de ler a biografia de Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, o ilustre marinheiro português a cujo nome está ligado o direito de asilo político a bordo dos navios de guerra — disse Jaime, ao visitar o «Almirante Saldanha», navio-escola da armada brasileira, naquele dia surto no Tejo.—Ele era teu parente?

Luís de Castilho retorquiu:

—Muito afastado. Julgo que era primo coirmão de meu bisavô materno...

—Tem graça. Sabes quem era o almirante Saldanha, cujo nome é recordado neste navio?—perguntou Jaime.

—Confesso que... Ah, já sei! Foi o tal almirante que chefiou a revolta no Brasil.

—Justamente, foi o almirante Luís Filipe de Saldanha da Gama, nascido em 1846 e morto em 1895, no combate de Campo Osório: Era filho de D. José de Saldanha da Gama e de sua esposa D. Maria Carolina Reis Barroso de Saldanha da Gama, descendentes do marquês de Pombal e dos condes da Ponte. Mas, espera, já continuamos a nossa conversa. Agora, vais conhecer um parente meu, segundo-tenente da marinha brasileira.

Pouco depois, Jaime apresentava Luís ao oficial da armada:

—O meu amigo, e noivo de minha irmã Vera, Luís de Castilho. O meu primo Boanerges Oswaldo de Miranda.

O segundo-tenente, rapaz moreno e desempenado, aprumou-se:

—Muito prazer em conhecê-lo. É da família do comandante Augusto de Castilho, a quem ficou devendo a vida, em 1893, o patrono do nosso navio?

—Primo em quarto grau, salvo erro,—respondeu Luís.

—Conhece a actuação dele, na revolta do almirante Saldanha da Gama?—perguntou o oficial.

—Conheço, como quase todos os portugueses medianamente cultos.

Boanerges pediu licença por uns momentos, abriu uma estante e tirou um livro:

—Tenha a bondade, senhor Castilho. Aqui tem uma obra que lhe ofereço, escrita por um brasileiro e que narra, em pormenor, tudo o que se passou. Quando acabar de a ler, estou certo de que sentirá grande e íntimo orgulho em pertencer à família do comandante Augusto de Castilho.

Assim falando, o brasileiro passou às mãos de Luís um livro, da autoria do contra-almirante Frederico Villar, intitulado «As revoluções que eu vi. O Almirante Luís Filipe de Saldanha da Gama».

Em 1893, deu-se no Rio de Janeiro, uma revolta da marinha, chefiada pelo almirante Melo, contra o Governo, ao que parece um tanto despótico, do marechal Floriano Peixoto, vice-presidente da República. Mas os revolucionários viam-se forçados a ceder, sitiados como estavam e sem recursos, enquanto se erguiam poderosas fortificações no litoral e nos montes da cidade maravilhosa. Havia corrido o boato malévolo de que a armada revoltosa se batia pela restauração monárquica. Por outro lado, os melhores navios estavam em poder do Governo.

Entretanto, os comandantes das forças navais da França, Inglaterra, Itália, Portugal e Estados Unidos dirigiram aos seus agentes diplomáticos uma nota dizendo que a esquadra estrangeira estava pronta a opor-se pela força a toda a tentativa dirigida pelos revoltosos contra o Rio de Janeiro, visto ser uma cidade aberta, onde viviam numerosos naturais dos seus países. Portanto, o marechal que retirasse as baterias que ameaçavam a esquadra revolucionária.

Ao receber tal nota, o ministro do exterior, Dr. João Filipe Pereira, agradeceu a intervenção das cinco potências e prometeu desarmar o litoral. Fez-se um acordo em 5 de Outubro, pelo qual o Governo se comprometia a retirar a artilharia das elevações e do litoral do Rio de Janeiro, que ficava entregue à defesa da esquadra estrangeira.

Três dias após, a fortaleza de Villegaignon aderiu à revolta, mas ficou obrigada a não se servir da artilharia contra a cidade, devido à interferência do ministro inglês.

Entretanto, tudo se complicou. O Governo montou um poderoso holofote no morro da Glória, contra o qual atiraram alguns revolucionários. Os comandantes estrangeiros protestaram, mas Floriano respondeu que o aparelho se destinava apenas a policiar o porto. Os revolucionários suspenderam o tiroteio, enquanto o holofote lá ficava e se ia fortificando, poderosamente, o litoral de Guanabara e as alturas vizinhas.

Em 7 de Dezembro, assumiu o comando da esquadra revolucionária o contra-almirante Saldanha, que notificou os comandantes navais estrangeiros de que não faria fogo contra a cidade, a não ser que fosse provocado pelas baterias de terra. Mas, a 23 desse mesmo mês, ele pedia a atenção para o facto de o Governo estar fortificando todas as alturas do Rio, incluindo igrejas e asilos, tornando assim a cidade praça de guerra. A 2 de Janeiro do ano seguinte, os representantes das potências protestaram contra essas obras, e o Governo, usando agora de outro tom, retorquiu-lhes que os avisaria quarenta e oito horas antes de se servir da artilharia...

Aproveitando as demoras, Floriano armava-se cada vez mais, aguardando os navios que se estavam aprontando em Pernambuco, enquanto Saldanha da Gama persistia fiel a seus compromissos.

Em 11 de Março, o Governo anunciava ao povo que dentro de quarenta e oito horas romperia o fogo contra os revoltosos, enquanto a esquadra governamental entraria em acção. O corpo diplomático protestou, exigindo um depósito ou a hipoteca de uma parte do território nacional, para compensação de possíveis prejuízos. Floriano a nada atendeu.

Saldanha da Gama reuniu conselho de guerra em que foram presentes todos os comandantes das unidades revoltadas. Propuseram-se três soluções: resistir até à morte, forçar a barra ou capitular. Votou-se a primeira solução, mas o almirante ponderou que seria um sacrifício inútil, pois mais de cem peças de artilharia estavam atestadas contra os revolucionários que dispunham de poucas munições. Resolveu-se propor ao Governo uma capitulação honrosa.

Em 11 de Março, o almirante enviou uma carta ao comandante da corveta portuguesa «Mindelo», capitão de fragata Augusto de Castilho, o mais antigo dos comandan-

——→

Palavra de Marinheiro

tes navais estrangeiros ali presentes, comunicando que poria termo à luta confiando-se à hospitalidade de Portugal.

O comandante português concordou e fez chegar ao Governo a proposta de capitulação. Entretanto, o almirante Saldanha mandou perguntar a Augusto de Castilho se lhe podia dar asilo, visto a situação dos revoltosos ser desesperada. Castilho ouviu os outros comandantes estrangeiros que concordaram e mandou perguntar a Lisboa se poderia proceder assim. Portugal concordou, elogiando o procedimento de Castilho.

A agitação no Rio de Janeiro era enorme, exigindo-se o regresso de Saldanha da Gama e dos seus companheiros. Floriano recusou a proposta de capitulação e os revolucionários, não querendo bombardear a cidade, o que para eles seria odioso, resolveram refugiar-se a bordo dos navios portugueses. Havia sete meses que a esquadra revolucionária, com pouco mais de mil homens, estava na baía, ameaçada por centenas de canhões.

Altivamente, os revolucionários recolheram aos nossos navios «Mindelo» e «Albuquerque.» O último a embarcar foi Saldanha da Gama.

A 18, comboiados pelos cruzadores ingleses, os nossos navios, com os revolucionários a bordo, abandonavam o local. Durante a viagem, o comandante Augusto de Castilho e os seus subordinados, um dos quais o guarda-marinha Gago Coutinho, cumulavam de gentilezas os seus hóspedes.

Floriano moveu céus e terra para haver às mãos os fugitivos. O Governo de Lisboa resistiu a ponto do Brasil cortar relações, com Portugal. Dementado pelo ódio, o marechal pediu o apoio do Governo inglês para essa extradição, mas Londres respondeu que o que ele pretendia era que a Inglaterra induzisse Portugal a um acto desonroso. Em 5 de Abril, o Governo do Brasil voltava à carga.

Em resumo, devido à pressão de Floriano, Augusto de Castilho foi exonerado do comando da corveta «Mindelo» e, ao chegar a Lisboa, recolheu, sob prisão, ao quartel de marinheiros em Alcântara. Submetido a conselho de guerra, saiu absolvido.

Rui Barbosa, o grande jurisconsulto do país irmão, escreveu:

«Se nas dobras da bandeira portuguesa não se abrigassem Saldanha da Gama e seus companheiros, teriam eles sido infalivelmente trucidados por uns turbulentos *legalistas* que, a pretexto de salvar a República—contra a qual, aliás, ninguém atentou—praticariam os actos mais sanguinários, mais contrários à civilização cristã.

E mais adiante:

«Bem haja, portanto, o Conselheiro Castilho, que, fazendo um acto de alta humanidade, manteve de pé o grande princípio da extraterritorialidade do Navio de Guerra e da inextradição em crimes políticos.»

* * *

A atitude de Augusto de Castilho, salvando, com tanta elegância moral, centenas de homens de uma morte certa, e assumindo depois todas as responsabilidades, constitui um formoso exemplo para os escoteiros, que nunca devem esquecer esse português que tão bem soube honrar a sua palavra de marinheiro.

Uma recomendação oportuna

O Boletim Oficial n.º 3/62 publicado em 31 de Julho passado, inseriu uma recomendação que nos parece da maior oportunidade e importa observar com o maior rigor para bom nome e prestígio do Movimento. Diz essa recomendação:

De harmonia com os arts. 14.º e 15.º (do Regulamento Geral), não *podem ser admitidos como Aspirantes os indivíduos que tenham menos de 6 anos de idade ou mais de 20, só podendo os indivíduos maiores de 20 anos ser admitidos desde que se destinem ao quadro de dirigentes. A sua nomeação só deverá recair em indivíduos que oferecem garantias de boa conduta moral e possuam a necessária cultura geral e técnica.*

Nem sempre estas normas têm sido observadas e os resultados não têm sido satisfatórios. Esperamos que os órgãos superiores dos Escoteiros de Portugal façam cumprir tão útil doutrina, não só nos quadros dos grupos mas de todos os escalões associativos. Importa sanear o Movimento, afastando dele todos aqueles que não possam satisfazer os atributos acima especificados, para que o ambiente associativo esteja ao nível dos ideais do Escotismo e particularmente o quadro de dirigentes seja constituído por indivíduos com capacidade moral e intelectual para educadores. Só assim poderá reinar o respeito mútuo indispensável a uma associação que se devota a tão altos objectivos.

Pequena Crónica de Lisboa

A velha Torre do Bugio

POR LUÍS SIMÕES AURÉLIO

Outrora sentinela vigilante da Barra de Lisboa, plantada num ilheu rochoso que na ponta dum areal se situa na margem sul do Tejo, a velha Torre do Bugio de vulto enigmático emergindo das águas que impetuosas a batem há centenas de anos, ali se encontra desde 1590/93, anos prováveis do início da sua construção por ordem de Filipe II de Castela, então dominando em Portugal. Porém, à data da gloriosa revolução de Dezembro de 1640, que pôs fim ao domínio filipino, não estavam totalmente terminadas as obras de construção da Torre, a qual, não obstante, tinha então artilharia e guarnição que se entregou sem resistência.

El-rei D. João IV, provendo a uma eficiente defesa da Barra e Porto de Lisboa, encarregou frei João Turriano, arquitecto e engenheiro de grande nomeada, do prosseguimento das obras de construção definitiva da Torre à qual durante largos anos, coube a missão de defender a entrada da Barra, cruzando seus fogos de artilharia com a vizinha e fronteira Fortaleza de S. Julião da Barra, esta mandada edificar por D. João III e, mais tarde em 1664, também por ordem de D. João IV, reconstruída.

Ilhéu da Cabeça Seca se chamava outrora a elevação rochosa sobre a qual assentam os fundamentos da velha Torre, daqui o ter a mesma sido designada por Torre da Cabeça Seca, de S. Lourenço da Barra e finalmente Torre do Bugio, nome este por que já era conhecida em 1693.

No ano de 1758 foram instalados quer na Torre do Bugio, quer na Torre da Fortaleza de S. Julião da Barra, faróis de aviso à navegação, humanitária função esta que ambas as Torres vêm cumprindo desde então.

Ainda a propósito do início das obras de construção da Torre, ocorre citar que muitas vezes se encontra referido o ano de 1578, portanto em vida de El-rei D. Sebastião, e cujas obras teriam prosseguido sob a a regência do Cardeal D. Henrique. Tal hipótese, porém, carece de fundamento, segundo um valioso e proficiente estudo da autoria do distinto olissipógrafo Alfredo Ferreira do Nascimento, inserto em «OLISIPO», Janeiro de 1958, fonte principal sobre a qual alicerçámos as notas que damos acima, notabilíssimo trabalho esse a que remetemos os nossos leitores ávidos de tal matéria e mais amplos conhecimentos.

L. S. A.

Cursos da Insígnia de Madeira

I Curso da Insígnia de Madeira do Corpo Nacional de Escutas

O C. N. E. tem dispensado aos cursos de chefes do esquema da Insígnia de Madeira uma atenção notável, realizando cursos preliminares desde 1953, que se têm efectuado em diversos pontos do país. Em 1960, tinha já realizado seis cursos preliminares para chefes de alcateia e doze para chefes de escoteiros, com um total de 495 presenças.

Os cursos de lobitos estão a cargo da sr.ª D. Eugénia Brandão de Melo, «Akela Leader», e os cursos para dirigentes das divisões escoteira e caminheira, a cargo do Dr. Manuel Rodrigues de Faria, (D. C. C.), ou seja Ajudante do Chefe de Campo de Gilwell.

A Equipa Nacional de Formação é ainda constituída pela sr.ª D. Maria Luísa Igrejas Bastos, ajudante da «Akela Leader», e para as outras divisões são ajudantes os Chefes Srs. Revs. Padres João Ferreira, Pedro Maria da Costa Gamboa e Virgílio Mendes Arderius.

A existência desta Equipa permitiu a realização em Agosto passado do I Curso da Insígnia de Madeira, que se efectuou nos arredores de Braga, em Favião, no Campo Permanente daquela associação.

Tendo o C. N. E. convidado a A. E. P. a tomar parte neste Curso, foi resolvido aceitar e nomeado o Eng.º José Maria Nobre Santos, Director da Escola de Formação e Treino de Chefes e D. C. C. em Portugal, para representar os Escoteiros de Portugal naquele Curso.

Assistiu ao Curso, como observador, o chefe de campo delegado de Gilwell Park, comissário G. Baerlein, que se deslocou propositadamente ao nosso país.

Além de elementos do C. N. E. vindos de todo o país, foram alunos deste curso um chefe de Angola e cinco dirigentes escoteiros de Espanha, entre eles o nosso dedicado amigo e colaborador Enrique Genovés.

Curso de Explanação da A. E. P.

Terminou em 9 de Julho passado, o 2.º Curso de Explanação da Insígnia de Madeira dirigido pelo sr. Eng.º José Maria Nobre Santos.

Este Curso teve a assistência de 37 elementos, a quem foram entregues certificados de frequência numa sessão de encerramento que se realizou na sede da Região Centro, na qual o Eng.º Nobre Santos se referiu ao interesse para o Movimento da realização destes cursos.

A Fundação Gulbenkian concedeu um subsídio para as construções do Campo Escola da Caparica

A fim de poderem ser construídas as diversas dependências indispensáveis ao funcionamento do Campo Escola da Caparica, trabalho que está já a ser executado, a Fundação Gulbenkian concedeu um subsídio de 230 contos, manifestando assim a sua simpatia e interesse pela obra educativa dos Escoteiros de Portugal.

Ode à Suíça

Of. ao «Sempre Pronto»

Suíça bela, coração da Europa,
Que por bandeira tens a cruz de alvura
Em campo que recorda o sangue efuso
Dos heróis que te deram liberdade;
Que tens por língua as límpidas canções
Com motivo no «iódler» das montanhas
Onde essa liberdade teve o berço;
Terra natal do Tell e Winkelried,
De Calvino, de Zuingle, de Farel,
De Jean Jacques, Vinet e Pestalozzi,
De Dunant e Dalcroze,
Dos «dezassete» detentores do «Nóbel»;
Que em paz recebes todos, mas na guerra
Porás em fogo os píncaros de neve.
País das vacas gordas que dão leite,
Dos montes gordos que lhes dão a relva,
Do leite gordo que se torna queijo;
Da água que, ao descer, eleva a indústria;
Da gentil «perce-neige», do «edelweiss»
E dos pinheiros de veludo estranho
Que o condão gozam de inspirar pintores;
Da neve incitadora dos desportos;
Do treino firme, do atraente asseio;
Do relógio, milagre de trabalho
Que traz ao artesão feliz descanso.
Terra dos bancos gordos
Que recolhem cruzeiros, pesos, libras,
Como se fosse um cofre universal:
Cofre de confiança
De quem da sua pátria desconfia;
País de gente honesta, firme, amável,
De pés firmes no solo, olhar ao alto;
Gente que faz da rua comum sala
E não despejadouro de incivis;
Onde a pessoa humana é respeitada
E onde a pacotilha se despreza,
Não se descendo à burla dos medíocres...

Sinto-me bem aqui, neste remanso,
Sem desamar, jamais, a minha terra.
E ao contemplar os lagos e os montes
Não evito a saudade antecipada
Que me há-de acompanhar por muito tempo!

Sigriswil, 10 de Setembro de 1962.

EDUARDO MOREIRA

A TERTÚLIA DO CHEFE

O QUE MAIS IMPORTA

Verdadeiramente não é o conteúdo do programa de actividades o aspecto a que o chefe mais deve atender ao dirigir um acampamento.

O importante é antes o *modo* como decorre a vida de campo, o entusiasmo que desperta nos rapazes e, por isso mesmo, os resultados que se poderão obter na educação do seu carácter.

Que importa o mais belo programa, recheado que seja de jogos e de imprevistos, se o espírito que flutua na comunidade juvenil é apenas uma variante, com sabor a «escotismo,» da desordem espiritual que tão normalmente campeia entre os jovens da sua idade?

Um programa meticulosamente elaborado e vigorosamente cumprido pode ser apenas a pura ilusão duma pura perda de tempo. Assim será se não houver um aperfeiçoamento efectivo do carácter de cada rapaz, mercê duma ordem, dum equilíbrio e de uma persistência que o chefe deverá saber impor.

A ordem nasce da competência; o equilíbrio, do bom senso; e a persistência, da dedicação. Com um pouco de *amor* será, então possível descobrir, em cada caso, a justa medida da nossa actuação.

Um programa bem concebido é certamente a primeira condição para que a vida de campo decorra com harmonia e proveito.

Às vezes, porém, toda a preocupação do chefe resume-se em fazer cumprir o programa estabelecido.

O programa cumpre-se então e o tempo vai passando como estava previsto, com grande satisfação do chefe, quando, na realidade, o que verdadeiramente importa é o que vai na alma de cada escoteiro.

Importa que os rapazes sintam, no tempo que passa, algo que os arrebata, que lhes sacode a alma, que faz de cada momento uma força viva capaz de fazer permear em si uma vontade irresistível de iniciar, em Outubro próximo, um novo e fecundo ano de actividades.

Por isso, o acampamento de verão representará a cúpula de um ano de acção e, simultâneamente, os caboucos de novo ano de trabalho. O rapaz talvez o não compreenda, mas o chefe não deve perder de vista esses objectivos primordiais.

Conseguí-lo é um segredo que faz parte da difícil mas sublime arte de ser chefe.

Em cada rosto de escoteiro reflecte-se uma alma aberta à mensagem de amor que o chefe, o educador, lhe apresentará em cada momento da vida ao ar livre. Mensagem talvez não formulada, mas mensagem. Pois, quando o jovem desperta do seu sono sob as estrelas e é obrigado a enfrentar a manhã ainda mal definida; quando o hastear da bandeira lhe impõe, talvez, um penoso minuto de solenidade; quando o sol escaldando o esgota em plena missão de reabastecimento—que outra coisa está o chefe a infundir-lhe senão uma mensagem de tenacidade, de fé, de amor enfim?

Porque o amor não é o deleite. É a dedicação, o sacrifício de si mesmo.

O chefe que sabe resistir à tentação de oferecer aos seus rapazes um pouco dessa felicidade morna e fluída de que se compõe a ociosidade e o desleixo está verdadeiramente a cumprir a missão em que se empenhou. Está a «*permitir o futuro*» dos seus rapazes.

Nenhum rapaz recordará entusiasmado as horas mornas de um acampamento «fácil», mas todos, sem excepção, vibrarão ao pensar em cada uma das dificuldades vencidas.

E pensamentos desses alimentá-lo-ão o ano inteiro.

NARCISO ELIAS

Da página «Escutismo» de «Novidades».

★ ● ★

O Escoteiro-Chefe Armando Lino recebeu a Medalha de Mérito

Por ter deixado a chefia do Grupo n.º 53, onde prestou relevantes serviços, inserimos aqui recentemente algumas notas biográficas do E. C. Armando Lino, dirigente que acaba de ser galardoado com a Medalha de Mérito, classe ouro, segundo foi publicado no último Boletim Oficial, por proposta da Direcção daquele Grupo e parecer favorável da Direcção da Região Centro.

Porque já prestámos homenagem às qualidades de carácter e espírito de dedicação deste nosso amigo, só nos resta felicitá-lo pela justiça que lhe foi prestada.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Fraternal Internacional de Antigos Escoteiros e Guias Adultos

FILIPINAS

Em 26 de Maio passado, a Associação dos Antigos Escoteiros das Filipinas foi registada como o 26.º membro da Fraternal Internacional.

ASSEMBLEIA GERAL E ACAMPAMENTO DA AMIZADE

O Conselho Internacional escolheu o "Centro Internacional Pio XII„ em Castelgandolfo para a realização da próxima Assembleia Geral e Acampamento da Amizade, de 22 a 27 de Julho de 1963, uma data que importa fixar para que uma vez mais os Antigos Escoteiros de Portugal ali estejam representados.

Castelgandolfo fica a 24 Km. de Roma, nas montanhas, junto de um lago. A alimentação e alojamento em quartos de 1 ou 2 camas custará £ 1. 3. 0. por dia e por pessoa. Campistas pagarão £ 0. 18. 0. diários por alimentação. A inscrição custa £ 0. 11. 6. por tudo. Convertendo para Escudos aquelas verbas temos, respectivamente, 92$00, 72$00 e 46$00.

W. BARBLAN

O Sr. W. Barblan, Editor em Chefe do Boletim da Amizade Internacional, em virtude de ter de reduzir as suas actividades para a Fraternal Internacional, pediu a demissão do cargo que ocupava.

O Sr. Barblan, que é suíço, deu-nos o prazer de sua visita em Maio de 1960. É um bom amigo de Portugal e da nossa Fraternal. Lamentamos a sua demissão do Boletim, onde realizou uma tarefa importante.

★ ● ★

Dicionário de Sinónimos

Prossegue a publicação em fascículos deste útil Dicionário editado pela Tertúlia Edípica, a mais completa obra deste género publicada em Portugal.

Cada fascículo de 160 págs. custa 25$00 e os pedidos devem ser dirigidos àquela Tertúlia, R. de Arroios, 11, r/c.—Lisboa-1.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Nascimento—Estão de parabéns a Sr.ª D. Maria Mendonça A. Balão e seu esposo, o nosso amigo Sr. Eduardo A. Pereira Balão, digno chefe do Grupo n.º 14 de Algés, pelo feliz nascimento em 10 de Julho passado, de sua segunda filha, a formosa Ana Cristina, a quem desejamos as maiores venturas.

Doente — Tem estado bastante doente o nosso estimado amigo sr. Caetano Peixoto, pai do nosso dedicado assinante sr. Manuel Lopes Peixoto, Secretário das Relações Internacionais da A. E. P. O doente encontra-se felizmente muito melhor, em convalescença, fazendo nós votos pelo seu breve restabelecimento.

OUVINDO DIRIGENTES ESCOTEIROS

«Sempre Pronto» entrevista o E. C. Idílio Gonçalves, do Grupo n.º 8, de Lisboa

Os chefes dos grupos de escoteiros são dirigentes a quem o Escotismo muito deve. Eles realizam obscuramente uma obra de profundo significado, dedicando uma atenção carinhosa à educação dos rapazes, desses rapazes que uma vez surgem pela porta da sede do grupo sem que ninguém os conheça. É uma obra de amor, de devoção, num trabalho paciente e perseverante inspirando à gente nova os altos ideiais escoteiros. Para captar a confiança do rapaz, o escoteiro-chefe usa a mesma farda que ele, caminha a seu lado para os acampamentos, dorme na tenda, toma parte no jogo, assumindo constantemente a grave responsabilidade de velar pela segurança de gente nova irrequieta e até imprudente. É uma tarefa heróica, que poucas vezes tem o justo apreço mesmo daqueles que superintendem no Movimento. Nem sequer podem contar com a gratidão do rapaz, pois este na adolescência é rebelde e quase sempre chega o dia em que sai pela porta fora, num voltar de costas, sem uma palavra de obrigado. Só mais tarde, já adulto, o antigo escoteiro recorda a obra do seu antigo chefe e reconhece, então, a amizade e a dedicação de que foi alvo. Mas é tarde para estimular e amparar a acção do chefe escoteiro. A maior satisfação que o Chefe realmente tem, é verificar que os seus rapazes singram na vida graças à preparação e treino recebidos no Escotismo. Essa alegria é que raras vezes lhe é negada.



«Sempre Pronto» vai fazer uma série de entrevistas e ouvir as opiniões de alguns chefes de escoteiros. Procuraremos aqueles que estiverem mais acessíveis e cujos grupos tenham acção que sirva de credencial ao seu chefe. O Escotismo em Portugal precisa de reunir elementos de informação para uma indispensável reforma. Ninguém melhor que os chefes de grupo poderá fazer sugestões interessantes.

Para iniciar estas entrevistas, escolhemos o Chefe Idílio Custódio Gonçalves. Trata-se de um jovem de vida escoteira exemplar, carácter recto, muito estimado no sector profissional tanto por superiores como colegas, que tem dedicado toda a sua mocidade ao Movimento, num profundo sentimento de dedicação pelo ideal escoteiro. O seu Grupo — o n.º 8 — tem a sede na Rua Febo Moniz, n.º 17, em Lisboa, é uma unidade que mantém uma actividade constante e goza de merecido prestígio. O Chefe dedica-lhe uma atenção permanente, de colaboração com o actual Ajudante, Chefe João Constantino, apesar de, para além dos seus deveres profissionais, ter feito ao mesmo tempo o curso dos liceus até ao 3.º ciclo. É um verdadeiro milagre de esforço, que merece o respeito de todos os autênticos escoteiros.

* * *

A sede do Grupo n.º 8 e o vasto salão anexo animava-se com a actividade dos escoteiros. A rapaziada tratava do material, visto ter havido um acampamento. Os guias conversavam com os escoteiros, davam instruções, tudo de mistura com a habitual jovialidade escoteira. Logo que o Chefe Idílio Gonçalves esteve disponível, dissemos-lhe qual era a finalidade da nossa visita. Ele sorriu-se e afirmou que estava sempre pronto para atender o «Sempre Pronto».

E fizemos a primeira pergunta:

— *Há quanto tempo fez a sua Promessa Escoteira?*

— Há 17 anos.

— *Em que grupo?*

— No 60 de Vila Real de Santo António, terra de minha naturalidade.

— *E há quantos anos é Chefe do Grupo n.º 8?*

— Há, pràticamente, oito anos, pois três meses depois da sua fundação eu era solicitado para a chefia do Grupo, o que aceitei com certo receio, dado que nessa altura tinha começado os meus estudos secundários.

— *Tem sido fácil a sua missão?*

— Muitas vezes me tenho arrependido de ter aceite a missão de Chefe. É um trabalho muito ingrato sem nada que compense os dissabores, desilusões e incompreensões, que lhe são inerentes, a não ser a satisfação pessoal do dever cumprido.

— *Quantos escoteiros já passaram pelo seu Grupo?*

— Além dos que actualmente constituem o efectivo, já por aqui passaram 42 escoteiros.

— *Parece-lhe que esses rapazes, que receberam as influências educativas do Escotismo, obtiveram orientação útil para as suas vidas?*

— Todos estão mais ou menos bem lançados na vida, cumprindo os seus deveres, só lhes resta continuar tendo sempre bem presente a Lei e a Promessa.

— *Quantas patrulhas tem hoje o Grupo?*

— Presentemente tem quatro patrulhas: Falcão, Tigre, Leão e Lobo, além de duas equipas de caminheiros.

— *Pois felicito-o por isso. É um efectivo muito interessante, com o qual é possível promover boas actividades. Tem muitos escoteiros de segunda classe?*

— O actual efectivo do Grupo é constituído quase só por rapazes que fizeram a Promessa há pouco tempo, pois só desde 21 de Março passado prestaram o compromisso de honra catorze escoteiros. No entanto, existem nove segundas-classes e uma primeira.

— *E insígnias de aptidão?*

— Temos seis cordões de mérito de seis insígnias.

— *Sim senhor! É um bom nível técnico. O chefe já dirigia o Grupo quando iniciou os seus estudos liceais?*

— Foi precisamente nessa altura, como acima informei.

— *E como foi possível conciliar o estudo nocturno com a responsabilidade do Grupo?*

— Com muita vontade, mas foi com dificuldade que consegui mais ou menos equilibrar a coisa. Frequentando escolas perto do Grupo, escolhendo mes-

Pág. 12 ——→



PÁGINA DO ESCOTEIRO

Meu caro Escoteiro:

A minha última carta mereceu reparos de um Velho Lobo, que, cansado já da vida da selva e afadigado com muitas preocupações, não conseguiu compreender a finalidade que tivemos ao dizer-te que PODES FAZER QUALQUER COISA e que queríamos que fosses tu próprio a descobrires a próxima actividade da Patrulha.

Tu és jovem e não tivestes qualquer hesitação. Começastes logo a imaginar iniciativas e a esta hora tens já meia dúzia delas. Mas, está claro, se quiseres enriquecer mais ainda o teu programa, não tens mais que desfolhar a Página do Escoteiro dos vários números do «Sempre Pronto» e encontrarás inúmeras sugestões interessantes. Mas não te limites a seguir aquilo que te sugerimos. Enriquece com a tua viva imaginação as nossas sugestões e lança-te ao trabalho porque TU PODES ALGO.

Olha. Uma outra sugestão: Estamos em Outubro, início do Ano Escoteiro. Reúne a tua Patrulha e organiza um plano de actividades para todo o período de Outono e Inverno. Visitas de estudo, reuniões em casa dos escoteiros, construção de aparelhagem para observações meteorológicas, enriquecimento do museu de patrulha, organização e conservação do material de campo, boas acções, excursões, etc. Desfolha os vários números do «Sempre Pronto» e encontrarás aí inúmeras ideias interessantes. Ao chegar a Primavera, organizarás outro plano para a seguinte época. Lança-te ao trabalho e colherás frutos.

Teu dedicado amigo

«Sempre Pronto»
LOBO VELHO

Um relógio que nunca se desacerta

Possuir um relógio que nunca se desacerte é um sonho que muitas pessoas têm, em especial daquelas que gostam de chegar a horas às suas ocupações.

Esse sonho é possível, ao contrário do que muitos possam julgar. É possível realmente construir um relógio que nunca se atrasa, nem se adianta e que nunca pára. Que relógio fabuloso será esse? É muito simples: um relógio do sol!

Quem é que nunca viu um relógio de sol? Estamos convencidos que poucas pessoas.

No entanto, embora o relógio de sol tenha as virtudes acima apontadas, tem também os seguintes inconvenientes:

a) Para ver as horas, é preciso que o sol lhe esteja a bater no mostrador;

b) Não se pode trazer na algibeira ou no bolso.

No entanto, para o escoteiro a construção de um relógio de sol representa um trabalho de grande interesse e é um excelente motivo ornamental para o pátio onde se encontra a sede do grupo. Além disso, é uma oportunidade excelente para se identificar melhor com alguns aspectos dessa admirável ciência que é a Geografia, através da qual muitos dos mistérios do mundo onde vivemos nos são devidamente explicados.

Vamos pois construir um relógio de sol no pátio da nossa sede ou no terreiro em frente do acampamento.

Breves noções de Geografia Matemática

Para facilitar o estudo da Geografia Matemática (a parte da Geografia que estuda a Terra como um planeta, determinando a sua posição, forma, dimensões, movimentos e relações com os astros), os astrónomos estabeleceram várias linhas imaginárias que dividem o Globo Terrestre em diversas zonas.

Como se sabe, a Terra executa dois movimentos — o de *rotação* e o de *translação*. O movimento de rotação é feito em torno de uma linha imaginária, denominada *eixo da Terra*. Os dois pontos da superfície do Globo, correspondente às extremidades do eixo da Terra, são chamados *pólos*, havendo, portanto, *o pólo do Norte, árctico* ou *boreal*, e o *pólo do Sul, antárctico* ou *austral*.

Foram ainda imaginadas outras linhas que cortam a superfície da Terra, as quais se dividem em *círculos máximos, círculos menores* e *coordenadas geográficas*.

Dos *círculos máximos*, o principal é o *equador*, linha perpendicular ao eixo da Terra e situada a igual distância dos pólos. Divide a esfera terrestre em duas metades: o *hemisfério do norte* ou *setentrional* e o *hemisfério do sul* ou *meridional*.

De grande importância é, também, o *meridiano*, o círculo que passando pelos dois pólos, divide a Terra também em dois hemisférios, denominados, desta vez, *oriental* e *ocidental*.

Os *círculos menores*, sem importância para o nosso estudo, são em número ilimitado e todos eles paralelos ao equador. Quatro deles merecem citação especial: o *trópico de Câncer*, o *trópico de Capricórnio* e o *círculo polar arctico e o círculo polar antárctico*.

Coordenadas geográficas: como não era possível, só com o traçado dos círculos máximos e menores, determinar com exactidão um lugar à superfície da Terra, os geógrafos estabeleceram ainda as *coordenadas geográficas* (*longitude* e *latitude*). Como se sabe, uma circunferência é dividida em 360°. Ora, subentende-se por *longitude de um lugar* a distância em graus que vai desde o meridiano desse lugar ao primeiro meridiano (meridiano de Greenwich), contada no equador ou nalgum dos paralelos. *Latitude de um lugar* é a distância em graus que vai desse lugar ao equador, medida sobre o meridiano. A *colatitude* ou *complemento da latitude* é o valor de 90° deduzido do valor da latitude.

O Sol, no seu movimento aparente em torno da terra (aparente porque de facto é a Terra que se move sobre o seu eixo), passa sucessivamente por todos os meridianos, no espaço de 24 horas, percorrendo, portanto, em cada hora

$$\frac{360^\circ}{24} = 15^\circ$$

de longitude, ou seja, 1° em cada 4 minutos.

Estas noções de Geografia ajudar-nos-ão a compreender as leis em que se baseiam os relógios de sol.

Construção de um relógio de Sol de Mostrador Horizontal.

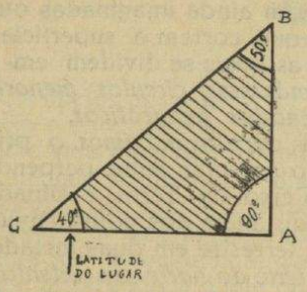
Em primeiro lugar, construire-

→

Um relógio que nunca se desacerta

mos um esquadro, conforme mostra a Fig. 1, o qual obedecerá aos seguintes requisitos:

1



1.° — Os ângulos C e B variarão consoante a latitude do lugar.

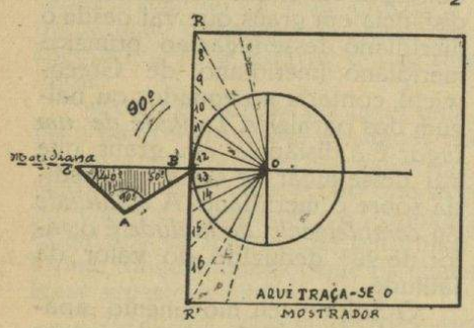
2.° — O ângulo A conservará sempre o seu valor (90°).

A nossa gravura indica um esquadro construído para ser utilizado num lugar da Terra onde a latitude seja de 40°, porque o ângulo C terá sempre um valor igual à latitude do lugar onde for montado o relógio.

Para que serve esse esquadro? Irá servir de *gnómon*, isto é, de ponteiro do relógio de sol.

Na Fig. 2, vemos o gnómon colocado na linha C-B-O, linha que coincide com a *meridiana*, isto é, a, direcção do meridiano do lugar, ou, melhor, a linha norte-sul. Nesta mesma figura, vemos ainda desenhado um círculo, que é, nem mais nem menos, o mostrador do nosso relógio de sol. O raio deste círculo (O--B) tem um comprimento igual ao lado B-A do esquadro.

2



Perpendicularmente à meridiana, vamos traçar a linha R — R', tangente ao círculo cujo raio é O-B.

Falta agora marcar as horas. Para isso, partindo de O, vão-se traçando raios que formem ângulos de 15°, que é, como vimos acima, o número de graus percorridos pelo Sol em relação à Terra. Esses raios prolongam-se até à linha R — R', marcando-se, em cada raio, as horas, de harmonia com o que mostra a Fig. 2.

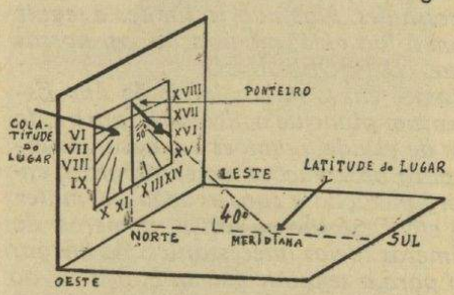
Construção de um Relógio de Sol de Mostrador Vertical

Como é óbvio, o relógio que indicámos acima só poderá ser construído em superfícies horizontais. Acontece, por vezes, não se dispor de local apropriado para a montagem de um relógio de mostrador horizontal. Nesse caso, pode utilizar-se uma parede, um muro, ou qualquer outra superfície vertical.

A Fig. 3 apresenta-nos um relógio com quadrante vertical, a montar num local cuja latitude seja 40°. O esquadro assentará o lado A - B sobre o mostrador e, evidentemente, o lado A-C indicará a meridiana.

Como ponteiro, utilizar-se-á um estilete, colocado da parte superior do mostrador, como indica a gravura, o qual fará com este, já que terá de ficar na direcção do lado B-C do esquadro, um ângulo de 50°, isto é, a colatitude do lugar.

3



O mostrador é orientado rigorosamente na direcção leste-oeste, olhando para sul (se o lugar estiver situado no hemisfério norte) ou para o norte (se estiver situado no hemisfério sul). As horas são marcadas com o auxílio de um relógio vulgar (mas que esteja certo...)

Tanto no caso do mostrador vertical, como no do mostrador horizontal, tem de se dar o devido desconto, quando se esteja em regime de hora de Verão.

O gnómon, nos dois tipos de relógio, terá de ficar sempre paralelo ao eixo da Terra.

Indicações sobre a Latitude

Para quem desconheça a latitude da localidade onde vive, publicamos um quadro da latitude aproximada das capitais dos distritos do Continente e das Ilhas Adjacentes, já que, para este efeito, não é necessário que os graus sejam expressos rigorosamente.

CAPITAIS DE DISTRITO	Graus
Viana do Castelo, Braga e Bragança	42
Vila Real, Porto, Aveiro, Viseu e Guarda	41
Coimbra, Castelo Branco e Leiria	40
Portalegre, Santarém, Lisboa, Setúbal, Évora, Angra do Heroísmo e Horta	39
Beja e Ponta Delgada	38
Faro	37
Funchal	33

O sr. presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António visitou em Monte Gordo um acampamento dos Escoteiros de Portugal, em que foi prestada homenagem ao Escoteiro-Chefe José Manuel Pereira

Porque não nos chegou a tempo a notícia do nosso dedicado correspondente, transcrevemos do prestigioso semanário «Jornal do Algarve»:

Em fim de semana, nos dias 15 e 16 deste mês (Setembro), realizou-se um acampamento organizado pelo Grupo n.º 60, de Vila Real de Santo António, da A. E. P., com a assistência de patrulhas dos Grupos n.os 6, de Olhão, e 77, de Faro. A mata de Monte Gordo foi, assim, mais uma vez, animada pelos briosos Escoteiros de Portugal que ali se reuniram para homenagear o chefe do Grupo vila-realense, sr. José Manuel Pereira.

No domingo, ao fim da tarde, compareceram o sr. Matias Barroso Gomes Sanches, presidente da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António, alguns antigos escoteiros e o delegado regional no Algarve dos Escoteiros de Portugal, sr. João Lobo de Miranda Trigueiros. Este, anunciou que a direcção central do referido organismo resolvera condecorar o sr. José Manuel Pereira com a medalha de Mérito (ouro), um dos mais altos galardões associativos, em virtude de o considerar o protótipo do cidadão escoteiro. Pediu ao sr. presidente da Câmara Municipal para colocar a medalha ao peito do chefe do Grupo n.º 60, cerimónia a que se procedeu, seguida de manifestações de entusiasmo dos jovens escoteiros.

O sr. Matias Sanches enalteceu as qualidades do homenageado, como chefe de família, profissional probo e cidadão prestante no meio social de Vila Real de Santo António. Emocionado, agradeceu o sr. José Manuel Pereira a homenagem que lhe prestaram.

Para finalizar, o delegado regional dos Escoteiros ofereceu ao sr. Presidente do Município um distintivo associativo, que lhe foi entregue por uma chefiza do Grupo n.º 77, de Faro — *T.*

Em qualquer ponto da Terra, para se saber a latitude de um lugar bastará consultar-se uma carta geográfica. Nas nossas províncias ultramarinas de Angola, Moçambique e Timor, deve tomar-se em conta que as indicações relacionadas com o Norte serão ali, pois que se encontram no hemisfério sul, tomadas como em relação ao Sul.

E agora, mãos à obra! Que melhor trabalho poderá ser efectuado nas sedes dos nossos grupos de escoteiros que a construção de um relógio de sol, o que, não só despertará o interesse dos rapazes, como o de todos os visitantes e constituirá uma prova das mil e uma maravilhas que o estudo dos fenómenos naturais oferece.

J. R.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

JAMBORI DA ÁSIA

Em Agosto passado realizou-se perto de Tóquio o Jambori da Ásia, no qual participaram delegações de escoteiros das associações daquele continente.

A Associação dos Escoteiros do Japão ofereceu à A. E. P. uma bandeira nacional do seu país, como preito de homenagem a Portugal, e solicitou o envio de uma bandeira de Portugal para ser hasteada por ocasião daquele acampamento. O pedido foi oportunamente satisfeito pelos Serviços Centrais.

I CONFERÊNCIA EUROPEIA DE ARMAZÉNS ESCOTEIROS

Esta Conferência realizou-se em 7 e 8 de Abril passado, na Holanda, tendo participado a Áustria, Bélgica, Finlândia, Alemanha, Grã-Bretanha, Holanda, Luxemburgo, Suécia, Suíça e Estados Unidos (Conselho Transatlântico).

Embora não se tenha ainda chegado a resultados positivos, reconheceu-se nesta conferência a necessidade de unificar os modelos de certos artigos escoteiros, tanto de equipamento como de insígnias, com vista a possibilitar a sua produção a preços mais baixos e a uma melhor identidade entre as insígnias.

Foi resolvido prosseguir oportunamente com o estudo deste assunto.

BÉLGICA

Vinte e sete mil escoteiros da Associação dos Escoteiros Belgas B.-P., de língua francesa, comemoraram em 12 e 13 de Maio passado o 50.º aniversário da criação da Federação Escoteira Católica. As comemorações realizaram-se em Bruxelas.

Em 19 e 20 de Maio, em Antuérpia, trinta mil escoteiros comemoraram igualmente o Jubileu da Associação Católica dos Escoteiros Flamengos.

GRÉCIA

Rann Alexatos, comissário nacional dos Escoteiros Gregos, foi nomeado chefe de campo do 11.º Jambori Mundial, que se realizará de 1 a 11 de Agosto de 1963, em Maratona, Grécia.

II CONFERÊNCIA ESCOTEIRA EUROPEIA

De 21 a 24 de Setembro passado realizou-se esta Conferência em Sussex, na Inglaterra, para a qual foram convidadas todas as associações escoteiras da Europa. Foram estudados diversos problemas comuns e outros de interesse para o desenvolvimento do Escotismo na Europa, bem como a participação no 11.º Jambori Mundial.

A conferência foi realizada no Town Hall e foi feita a interpretação simultânea em inglês, francês e alemão.

GILWELL PARK

No decorrer da Conferência Mundial de Escotismo que se efectuou no nosso país, reconheceu-se a conveniência de melhorar a formação daqueles que se encarregam dos aspectos administrativos do Escotismo.

No campo escola de Gilwell Park realizou-se no Outono passado um curso de administração e organização. Este curso teve tão bom acolhimento que está prevista a realização de outro curso de 18 a 23 de Março do ano próximo.

EXPEDIÇÃO SUÍÇA À AFRICA

Um explorador suíço muito conhecido, Henri-Maurice Berney, tem a intenção de conduzir uma equipa de 12 caminheiros suíços a uma viagem de exploração da bacia do Níger até à sua nascente.

A II Exposição Nacional do Selo Escoteiro

Conforme estava anunciado, esta Exposição foi encerrada em 11 de Agosto, depois de ter sido visitada por muito público e despertado vivo interesse. Nessa altura, efectuou-se uma breve sessão, para distribuição dos prémios. Presidiu o sr. dr. Montenegro Carneiro, que representava o sr. dr. A. J. Vasconcelos de Carvalho, presidente da direcção do Clube Filatélico de Portugal e ambos membros do Júri que classificou as colecções concorrentes. Tomaram parte na mesa os srs. prof. Aníbal Ramos, presidente da direcção regional dos Escoteiros de Portugal; Albano da Silva, da direcção da Fraternal e em representação do seu presidente, sr. dr. Eugénio H. Ramos; o Director do nosso jornal, um representante da Secção Filatélica do Sport Lisboa e Benfica e o sr. Vieira, representando o Corpo Nacional de Escutas.

O sr. Albano da Silva, depois de informar que o presidente da Direcção da Fraternal não pudera estar presente por ter tido de se deslocar ao Algarve em serviço profissional, leu um discurso que este escrevera e em que saudava os presentes e manifestava a sua pena por estar ausente, afirmando:

«A exposição filatélica escoteira não foi obra perfeita, mas não seria estultícia pretender realizar obra perfeita? Que haja quem o consiga e, se for filatelista, como escoteiros muito nos regozijaremos e lhes agradeceremos pelo serviço que prestará ao Escotismo.

«Teve ela, sem dúvida, alguns defeitos, mas teve, decerto, também algumas virtudes, que outra não seja a da experiência, que é a mestra da Vida».

Depois de pôr em devido relevo o espírito de colaboração e amizade de todos que deram o seu esforço e cooperação para que aquela iniciativa tivesse sido possível, formulou sentidos agradecimentos ao Clube Filatélico de Portugal e ao seu presidente, sr. dr. Vasconcelos de Carvalho, bem como ao sr. dr. Montenegro Carneiro. Ao sr. Correio Mór e a todos os seus colaboradores dos C. T. T. Ao Ateneu Comercial de Lisboa, a instituição amiga que resolveu a última dificuldade surgida por não ter sido possível contar com a sala que estava prevista para a exposição e que, sem ter sido pedida, tinha sido oferecida para o efeito e que fora aceite para não recusar a gentileza da oferta. E disse: «Mas graças ao Ateneu amigo, casa não nos faltou!»

Agradeceu ainda: À Federação Filatélica Portuguesa, ao Sport Lisboa e Benfica, à Imprensa em geral e ao «Sempre Pronto», ao companheiro Ferrer Sigesmundo Monteiro, à A. E. P., à casa Brun & Fils, à casa J. Ell, e afirmou: «A todos, muito simplesmente, o meu muito reconhecimento e, à maneira escotista, só o sei exprimir com as palavras: cada um de vós *para mim é um bom companheiro!*»

Referiu-se depois ao Júri, de que disse ter feito parte só para fazer as honras da casa, e agradeceu aos restantes dois componentes, já acima citados.

Dirigindo-se aos concorrentes, disse-lhes:

«Sem a vossa colaboração a exposição não seria possível. Verdade do sr. De La Palisse:

«Estais satisfeitos com os resultados? Não estais? Aprendi também com o Júri que nunca há unanimidade. Sei, porém, que uns são escoteiros e não fazem da filatelia um fim, mas apenas nela encontram um magnífico meio de desenvolver as suas qualidades escotistas. Outros são apenas filatelistas. Quer uns quer outros, estou certo, por amor aos seus ideais, preferem às honras das classificações a satisfação da sua concorrência para benefício dos mesmos.

À Secção Filatélica:

«A vós, companheiros amigos, que através da vossa Secção destes o vosso esforço, sei que vos basta o meu abraço, a quem não sou capaz de dizer mais do que: «do fundo do coração de escoteiro e como aplaudem os escoteiros: Bravo! Bravo! Bravo!»

E mais adiante terminou:

«Com Alegria, Paz e Amor», pela Filatelia, pelo Escotismo: Até breve! Até sempre!»

Discursou ainda o sr. dr. Montenegro Carneiro que felicitou os organizadores e afirmou que estes deviam estar satisfeitos pelo que tinham podido fazer, porquanto a organização da Exposição se revelara bastante perfeita e mais perfeita mesmo que outros empreendimentos semelhantes. E terminou declarando: Continuai no vosso trabalho porque «apregoar filatelia é apregoar educação e cultura».

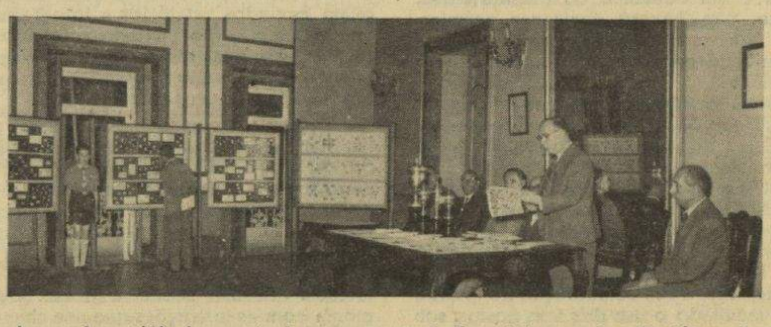
Seguiu-se a distribuição dos prémios, tendo sido os concorrentes muito felicitados. Devemos registar que o segundo classificado, o sr. Artur José Pereira Barbosa, é membro do C. N. E., tendo o presidente da mesa afirmado que tinha sido a colecção mais bem organizada nos moldes temáticos, que só não conquistara o primeiro prémio porque a colecção do sr. Capitão Marques Loureiro continha exemplares mais valiosos e maior número de selos.

O 4.º prémio, que não constava do catálogo, foi uma oferta do novo grupo de escoteiros da Lusalite de Moçambique, com sede no Dondo, perto da cidade da Beira. Estavam presentes os pais do sr. eng.º Jorge Pereira Jardim, o sr. Frederico Pereira Jardim e sua esposa, que vieram fazer entrega do valioso troféu.

Foram ainda distribuídas placas de agradecimento a todas as instituições que patrocinaram a Exposição, tendo o «Sempre Pronto» sido distinguido com uma destas artísticas placas.

NORUEGA

A Associação dos Escoteiros da Noruega organizou uma primeira reunião de Caminheiros do Árctico em Julho-Agosto deste ano, perto de Longyearben na Ilha de Spitzbergen, sòmente a 11 graus do Polo Norte. O número de participantes foi limitado a 50, sendo metade noruegueses e a outra metade doutros países.



A mesa da presidência, no acto de encerramento da Exposição, quando o Sr. Albano da Silva lia o discurso do Presidente da Fraternal

O ESCOTISMO NA BEIRA

Conforme noticiámos no número passado, fundaram-se em Dondo, na importante empresa Lusalite de Moçambique, de que é administrador o antigo presidente da A. E. P., Sr. Eng.º Jorge Jardim, um grupo de Escoteiros de Portugal e uma Companhia de Guias. As imagens que aqui publicamos dão uma ideia do desenvolvimento e até do entusiasmo que reina nas novas unidades, entusiasmo que se adivinha nos sorrisos com que pousaram para o fotógrafo.



O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim e sua Esposa, Sr.ª D. Maria Teresa P. Jardim, acompanhados de parte de seus filhos, todos membros das duas novas unidades escoteiras.



As Guias e Escoteiros do Dondo, bem como Lobitos e Avezinhas, e seus dirigentes. Em pé, na extrema esquerda, o Sr. Alfredo Rodrigues, nosso actual Delegado. Na extrema direita, o Sr. Engenheiro Jardim e sua Esposa.

O 5.º Jambori do Ar

realiza-se em 20 e 21 de Outubro corrente

Conforme está anunciado, das 0 horas de sábado 20, até às 24 horas de domingo, dia 21 de Outubro, realiza-se o Quinto Jambori do Ar, iniciativa que visa à troca de saudações entre os Escoteiros dos diversos países e continentes através das emissoras de rádio de amadores.

O tempo indicado é T. M. G. (Tempo Médio de Greenwich) ou seja a hora oficial portuguesa.

Devemos esclarecer que o Jambori do Ar não é um concurso ou disputa e que, portanto, não haverá quaisquer prémios. Tem-se apenas em vista procurar mais uma oportunidade para fomentar amizades pelo Escotismo.

Devem ser rigorosamente respeitadas as normas legais de comunicações pelos postos particulares de rádio e serão usadas as ondas normais dos amadores.

Entra-se na actividade pela chamada «CQ JAMBOREE» ou respondendo a uma estação que se esteja ouvindo.

Para conseguir participar no Jambori do Ar, os Escoteiros podem solicitar aos amadores de rádio a sua colaboração no sentido de ser facultado o uso dos seus postos, sob a sua devida orientação. Dada a característica da iniciativa, estamos certos de que todos os amadores lhe dispensarão o seu interesse e simpatia.

A Repartição Mundial do Escotismo operará da sua própria estação, em Otava, usando o sinal de chamada VE3WSB, nas seguintes frequências:

Banda de 10 metros — 28,490 Kcs. para 28,510 Kcs.

Banda de 15 metros — 21,195 Kcs. para 21,210 Kcs.

Banda de 20 metros — 14,195 Kcs. (ouvindo também em 14,210 Kcs.)

Banda de 40 metros — 7,250 Kcs.

Banda de 80 metros — 3,760 e 3,820 Kcs.

A Repartição Mundial espera que lhe sejam enviados relatórios e fotografias das operações e serão enviados certificados e cartões QSL para todos que lhe fizerem comunicações. O ano passado, diversos grupos emitiram os seus próprios QSL.

É possível que "Sempre Pronto" possa facilitar a participação de Escoteiros no 5.º JAMBORI DO AR, graças à gentil cooperação de alguns amadores de rádio nossos amigos. Por isso, os interessados devem dirigir-nos as suas propostas através dos seus Escoteiros-Chefes, indicando-nos os seus nomes, idades e línguas que falam. Devem também informar se sabem Morse. De harmonia com as instruções que nos chegarem, procuraremos obter postos para operar, sendo o serviço desempenhado por turnos.

"Sempre Pronto" entrevista o E. C. Idílio Gonçalves, do "8"

← Pág. 8

mo, e ainda com meu prejuízo, a que melhor horário possuía. Mesmo assim em noites de reunião só me deitava por volta das 4 horas, a fim de me manter actualizado com a matéria escolar. Enfim, muito trabalho e uma experiência dura que não convido ninguém a imitar.

— *Que pensa do actual momento do Escotismo?*

— Está há muito hibernando, o que poderá ser-lhe fatal se continuar nesse estado.

— *Acha que a missão do Chefe de Grupo é suficientemente amparada e ajudada pelos órgãos superiores do Movimento?*

— Sem duvidar da boa vontade de quem superintende, é notória a falta desse amparo e ajuda, o que torna a missão do chefe ainda muito mais difícil.

— *Na sua opinião que medidas seriam as mais urgentes para dar um impulso ao Escotismo em Portugal?*

— A pergunta não é fácil, embora possa parecê-lo. Todavia, o que achava mais oportuno seria dar todo o apoio aos grupos que estão em actividade procurando desenvolvê-los; encerrar previsòriamente os que estão em letargo, pois o seu estado pode, até certo ponto, ser contagiante. Em resumo: procurar melhorar em todos os sectores os que estão em actividade e partir desse princípio.

«Um factor importante é incentivar e criar gosto nos rapazes que constituem os grupos, pois quase sempre se vão embora quando ingressam no Caminheirismo, por falta de programa adequado.

«A regulamentação de um uniforme atraente será um importante meio de captação».

Tinha terminado a nossa conversa. Agradecemos ao Chefe Idílio Gonçalves as suas palavras e afirmámos-lhe que o Grupo 8 é, sem dúvida, uma das unidades que em Lisboa prestigiam o movimento.

Esperamos que o Chefe Gonçalves não desanime e prossiga sem desfalecimentos com a obra que tem realizado através do Grupo 8. Não há que dar ouvidos a censuras ou críticas daqueles que não têm capacidade para compreender o valor de uma acção desinteressada com o único fim de ajudar o rapaz a vencer na vida. É trabalhar cada vez com mais afinco porque... *a caravana passa...*

E. R.

NO ANO DO JUBILEU

NOVOS RUMOS PARA O ESCOTISMO EM PORTUGAL?

O nosso Editorial do último número mereceu de muitos nossos leitores lisonjeiras referências, que sinceramente agradecemos. É para nós agradável saber que as nossas considerações, ditadas por um espírito construtivo e sincero desejo de contribuir de alguma maneira para estimular a solução da crise que os Escoteiros de Portugal atravessam, têm a concordância dos nossos leitores, particularmente daqueles que sentindo os problemas do Escotismo, desejam ardentemente ver o Movimento prestigiado e progressivo, e, colocados em posição de analisar os problemas imparcialmente, nos apoiam com as suas palavras de aplauso.

Sòmente àqueles que nos pediam para insistirmos no assunto, devemos dizer que estamos convencidos de que os órgãos superiores do Movimento não vão deixar de considerar o nosso apelo e, certamente, serão tomadas deliberações que abrirão novos rumos para o Escotismo em Portugal. O período de verão e de férias que se atravessou não foi o mais propício para efectivar um plano de acção, mas chegámos agora a uma nova época de trabalho e, estamos certos, vai ser aproveitada proficuamente. Claro, que não deixaremos de nos interessar pelos problemas em suspenso, dando toda a nossa colaboração às deliberações tomadas.

Mas não tivemos sòmente aplausos. Um Amigo houve que sinceramente nos afirmou não estar de acordo com as nossas palavras. Embora reconhecendo a razão que nos assistia no que se refere à existência da crise, disse «que nada sugerimos que possa contribuir para solucionar os problemas». Ora este nosso estimado Leitor não soube compreender o nosso Editorial. Era essencialmente um apelo. Não nos propúnhamos apontar a solução para as dificuldades. Limitávamo-nos a reconhecer a sua existência e pedíamos às entidades competentes para que as estudassem e procurassem resolver, embora reconhecendo que a essas mesmas entidades, assoberbadas com responsabilidades na vida pública, era quase impossível dedicar ao Movimento essa atenção. Devemos afirmar que, ao contrário do que acontece com quase toda a gente, não possuímos a fórmula mágica para solucionar os problemas do Escotismo. Muitas das dificuldades existentes são exactamente a consequência da presença desses *ilumina-dos*, que se julgam *donos* do seu Grupo ou mesmo do Escotismo e, a breve trecho, se transformam em *tiranetes*.

A situação do Escotismo em Portugal carece de um estudo sério a ser feito pelas entidades que estão em posição de equacionar os problemas e possuem os respectivos dados. Será um trabalho a realizar por uma «patrulha» de dirigentes, uma obra de cooperação. Se o nosso dedicado Leitor ler o nosso Editorial com atenção verificará que, apesar de tudo, não deixámos de apontar algumas das necessidades mais prementes: *Há que estruturar de novo, estabelecer directrizes, criar quadros, formar e organizar novos grupos, delinear programas e regulamentos, imprimir novos rumos. A África Portuguesa clama pelo Escotismo...* Esta é uma rápida análise, que poderia ser alargada. Podemos dizer que se deveria começar por abrir o Regulamento Geral e procurar dotar os Serviços Centrais de todos os órgãos ali enunciados. Que aqueles que já existem deviam assegurar o efectivo desempenho das suas responsabilidades e tarefas. Que é urgente uma campanha financeira e de propaganda do Escotismo. Que os órgãos respectivos devem publicar regularmente os seus relatórios de trabalho e de finanças. Que se deveriam realizar periòdicamente as actividades associativas previstas no mesmo R. G.

Que há uma necessidade urgente de elevar o nível social, intelectual, moral e técnico do nosso Escotismo de forma a poder atrair para os quadros de Dirigentes elementos que pela sua idoneidade e aptidão possam exercer eficiente acção educativa.

Que, sendo Portugal um país de grandes tradições marítimas e possuindo uma vasta costa, o Escotismo Marítimo deveria ser a base do nosso Movimento. Deveria, portanto, ser criada uma Divisão Marítima dirigida por uma entidade conhecedora de náutica e se deveriam facultar meios para se criarem grupos de Escoteiros do Mar em diversos pontos do nosso país. Para já poderíamos sugerir as diversas localidades nas duas margens do Tejo, bem como Carcavelos e Cascais. Facultar meios para que os Grupos de Gaia, Vila Real de Santo António, Tavira, Olhão e Faro, Angra do Heroísmo, Ponta Delgada, organizassem secções marítimas para a actividade dos seus caminheiros. Criar grupos em cidades que como Aveiro, Figueira da Foz, Lagos, Portimão e Funchal, possuíram já os seus grupos de escoteiros, mas agora dando-lhes feição marítima. Que cada um destes grupos fosse dirigido por elemento competente em náutica ou, pelo menos, dispusesse de instrutores com esta capacidade.

Mas, que diremos nós: Num movimento em que tudo falta é muito fácil apontar carências. Certamente que para realizar um plano tão vasto é necessário um estudo atento dos problemas. Não somos nós, modestos cooperadores, quem deve indicar as soluções. Não lhe parece o nosso Leitor?

Sobretudo — e isto é essencial — convém lançar as bases para que toda a acção seja desenvolvida num espírito de cooperação amiga, sem rivalidades nem tolos sentimentos de vaidade, com um acrisolado interesse pela educação do rapaz como meio de contribuir para o progresso da nossa Pátria.

E obrigado, caro Leitor, pela sua discordância. Ela foi útil.

O Sr. Almirante Henrique Tenreiro, Presidente dos Escoteiros de Portugal, foi homenageado na Póvoa do Varzim

Em 9 de Setembro passado, a Póvoa do Varzim, terra de marinheiros e de pescadores, inaugurou um monumento em memória de um dos seus filhos, o marinheiro Elísio da Nova, um dos heróis da gloriosa guarnição do «Augusto Castilho» que, sob o comando de Carvalho de Araújo, em 14 de Outubro de 1918 travou bravo combate com um submarino alemão em condições desiguais, conseguindo com a sua heroicidade salvar o barco de passageiros «São Miguel», que chegou incólume a porto de salvação, embora aquela guarnição tivesse imolado as suas preciosas vidas.

Após a chegada do Sr. Almirante Henrique Tenreiro e de outras entidades oficiais à Póvoa do Varzim, realizou-se no salão nobre da Câmara Municipal uma sessão solene, durante a qual o Presidente da Câmara entregou ao Sr. Almirante Tenreiro o diploma de «Cidadão Poveiro» e a Medalha de Ouro de Reconhecimento, conforme deliberação daquela edilidade em 7 de Agosto passado. O presidente da Câmara Municipal pôs em relevo os serviços prestados à Póvoa do Varzim pelo homenageado.

Depois deste acto, efectuou-se o descerramento e inauguração do monumento a Elísio da Nova, a que presidiu o Almirante Tenreiro em representação do sr. Ministro da Marinha.

D. João de Castro

Foi em mil e quinhentos que ele nasceu, segundo se crê. E, esquecendo-lhe ou ignorando-lhe a infância, logo o vemos com aquelas famosíssimas barbas!

Cercos de Dio, valor e coragem tão nossas, tão portuguesas!

Hidal-Khau, Khodja-Safar, contra quem tiveram poder os portugueses de então... Guerra, guerra sem quartel e D. João de Castro, livrando-se de traiçoeiros ardis, fazendo tremer a Índia inteira... Luís de Melo, D. Duarte de Meneses, D. Álvaro e D. Fernando de Castro...

O que ele queria a seus filhos! E no entanto, lá lhes ficou D. Fernando, nos seus dezanove anos, por não querer abandonar o baluarte que defendia.

A esse filho se referiu D. João de Castro ao empenhar as suas barbas, dizendo que «não dava como penhor o cadáver de seu filho, porque não o permitia a corrupção da sepultura».

Aquelas barbas empenhadas para reconstruir, são a perfeita condenação dos bárbaros modernos e do novo Hidal-Khau, apostado apenas em destruir.

Fortaleza de Dio, velha Goa! Aqui estamos nós, os pequeninos, que seremos homens amanhã, a saudar-te e a teus heróis; aos antigos, e também aos de hoje. Pois que os portugueses sempre assim batalharam, a um para cem, a um para mil, que importa?

A barbaria pode afogar, mas não vence um português!

... «Por cada pedra daquela fortaleza arriscarei um filho».

Isto dissera D. João de Castro, isto fizera de todo o coração, sentindo nele todos os seus soldados como se filhos fossem, muito queridos.

«O que vier mais honrado, esse será meu filho!»

Era assim o «Castro forte» de que nos fala Camões, entre outros «em quem poder não teve a morte».

Hoje, como ontem, ainda são assim os Portugueses.

Portugueses de Dio, Damão e Goa; portugueses de hoje, que deram há pouco uma lição ao Mundo. Lição de que a Pátria dirá, como D. João de Castro:

«O que vier mais honrado, esse será meu filho!»

Os que não voltam? Deixai... Esses ficam ainda a repetir ao Mundo que as pedras de Dio, Damão e Goa serão eternamente portuguesas; ainda que arrancadas, elas irão pelos caminhos contar a epopeia antiga e a epopeia moderna, a coragem e o sacrifício.

Um contra cem — sempre foi assim.

As pedras dos caminhos irão contar a D. João de Castro que só os modernos canhões e os bombardeamentos aéreos podem ter a ilusão de destruir muralhas, sem nunca destroçar um só coração português.

Colaboração dos Escoteiros no «Diário de Moçambique» — Beira.

★ ● ★



Escoteiro-chefe Rev. Ernest Thilo

Por um recorte da «Gazette de Lausanne», que o Rev. Eduardo Moreira teve a gentileza de nos enviar da Suíça, soubemos que faleceu no Hospital de Rheinfelden, onde se encontrava em tratamento em consequência de uma queda, o antigo escoteiro-chefe Rev. Ernest Thilo.

O Rev. Thilo tinha 83 anos de idade, fora pastor em Moudon e em Bex e encontrava-se reformado desde 1944, embora continuasse a exercer o ministério até à última primavera como capelão do Hospital Oftalmológico de Lausana.

O falecido foi um dos pioneiros do Escotismo Suíço, tendo fundado um grupo de escoteiros em Moudon, sendo o autor do Manual do Escoteiro Suíço.

Rev. Moller Gasmann e Rolf Lykken

O Rev. Moller Gasmann, um dos fundadores dos Escoteiros da Noruega e Chefe Escoteiro da Noruega durante 25 anos, faleceu em Dezembro passado. Na semana precedente tinha igualmente falecido Rolf Lykken, que foi o primeiro chefe do campo escola Gilwell da Noruega.

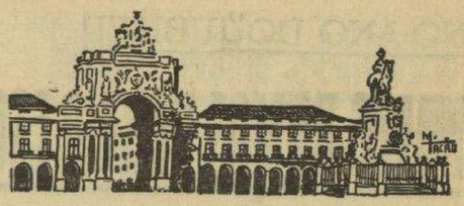
«Sempre Pronto» apresenta sentidas condolências aos Escoteiros Suíços, bem como os Escoteiros Noruegueses.

Wolfgang Karl recebeu a «Medalha de dedicação e bons serviços, classe prata»

O Boletim Oficial publicou em 31 de Julho a seguinte citação:

É concedida esta recompensa ao Sr. Wolfgang Karl, cidadão alemão há mais de 40 anos residente em Portugal. Pertenceu ao Grupo 16 e tem estado sempre praticamente ligado ao Movimento, ao qual tem prestado bons serviços, além de, através de correspondência com membros de organizações escotistas que se dedicam à filatelia, ter feito grande e útil propaganda de Portugal.

Felicitamos este nosso amigo pela merecida distinção que lhe foi conferida.



ESCOTISMO NA CAPITAL

GRUPO N.º 8

Condecorações — Em reconhecimento dos serviços prestados e da actividade dispensada ao Grupo, por proposta do Chefe do Grupo, o Presidente dos Escoteiros de Portugal conferiu a medalha de assiduidade, classe cobre, aos Escoteiros Guias Vítor Manuel de Almeida Brás e Virgílio do Nascimento Algarve da Luz, que se encontravam nas condições do art. 91.º do Regulamento Geral, que exige exemplar comportamento, frequência regular às actividades, pelo menos a 2.ª classe, 6 insígnias de aptidão e 20 noites de acampamento.

Parabéns, pois, ao Vítor e ao Virgílio, com votos de que oportunamente lhes seja conferida a classe prata.

★ ● ★

JUBILEU DO ESCOTISMO

Notícias de "O Século" de há 50 anos

Na secção que, com este título, o Século diàriamente publica, foram feitos em 7 e 15 de Setembro passado, os registos que a seguir transcrevemos:

«RENASCIMENTO DA PÁTRIA. Os «boy-scouts» serão, depois de bem instruídos, os melhores cidadãos da República. Devem ser educados fisicamente com a ideia do patriotismo e cega obediência à lei».

●

«PRECISAMOS DE «BOY-SCOUTS». Educar a criança é preparar a geração de amanhã. Os americanos formam grandes e valorosos cidadãos, educando as crianças em escolas ao ar livre, em trabalhos de «sport» e com noções de moral».

Deve-se ao jornal O SÉCULO, principalmente através dos artigos então publicados da autoria do Dr. José Pontes e do jornalista Paulo Osório, a intensa propaganda feita há 50 anos para a introdução e desenvolvimento do Escotismo no nosso país. E é curioso notar-se que 50 anos decorridos, em que «O Século» tanto ajudou esse desenvolvimento, vem salientando os «Boy Scouts» na sua secção «NOTÍCIAS DE O SÉCULO DE HÁ 50 ANOS», que vemos em todos os números do seu prestigioso jornal. Tantas outras cousas poderia o «seleccionador» respigar, mas entre as que selecciona dá relevo aos «Boy Scouts», o que é para agradecer.

FILATELIA

Escotismo e Desportos

A II Exposição Nacional do Selo Escoteiro, em boa hora organizada pela Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, correspondeu amplamente às finalidades em vista e enunciadas no Boletim pela Fraternal editado a propósito do magnífico certame: contribuir para o aumento do interesse pela filatelia nos membros da Fraternal e em todas as pessoas ligadas ao Movimento Escotista e contribuir também para um melhor conhecimento deste, pelo público não afecto ao nosso Movimento.

Para uma plena consecução do segundo dos objectivos citados, não teria sido de mais uma propaganda de maior amplitude através da Imprensa e da Rádio, bem justificada na excelência do material e no número avultado de expositores. O que se fez, todavia, já foi muito bom, e dizemo-lo sem peias de qualquer espécie por conhecermos de perto as preocupações e problemas sempre gerados por empreendimentos de tal natureza.

Concorrente modesto da Exposição, deu-nos esta, entre outros um prémio que à primeira vista nos pareceu sem grande importância, mas que depois verificámos ser-nos extremamente útil, quer pelo interesse de que se revestia, quer por confirmar um ponto de vista que por várias vezes temos defendido nas colunas do «Sempre Pronto»: o Catálogo de Desporto e Escotismo de 1962, da casa filatélica Brun et Fils, de Paris.

Ao contrário dos que até então víramos e condenáramos, o Catálogo de Brun et Fils, volumoso e bem apresentado, com reproduções de selos de quase todas as séries nele inscritas, tem duas secções distintas e como tal separadas: a dos desportos em geral e a do Escotismo. Por outras palavras: os selos que respeitam a futebol, boxe, luta livre e mais desportos, estão, na aludida publicação, independentes em absoluto dos que ao nosso Movimento Escotista dizem respeito, os quais se agrupam por ordem alfabética de países, constituindo facílima e bem documentada fonte de consulta para os interessados na filatelia temática escoteira.

Dada a expansão do Escotismo e as séries de selos que constantemente lhe são dedicadas, é natural que em breve tenhamos catálogo exclusivo, em volume próprio, independente de qualquer outra temática. Entretanto, é para nós motivo de sincero júbilo e sintoma de evidente progresso para a nossa filatelia escoteira, o ter começado a fazer-se em França a separação, que de há muito se nos afigurava necessária, dos desportos e do Escotismo, por se tratar, como se diz no introito do próprio Catálogo, de temas claramente diferentes.

J. M. PEREIRA

AUSTRIA

Em comemoração do 50.º aniversário da fundação dos Escoteiros da Áustria, os Correios deste país emitiram no dia 2 de Outubro corrente um selo escoteiro comemorativo deste acontecimento, no valor de Sh. 1,50. O desenho do selo é constituído pelo aperto de duas mãos esquerdas, tendo sobreposta a flor de lis.

De 4 a 7 de Outubro, os Escoteiros Austríacos realizaram uma exposição internacional do selo escoteiro, a qual esteve patente nos salões da Casa da Moeda em Viena.

Portugal esteve representado naquele certame por uma interessante colecção apresentada pelo nosso amigo e distinto filatelista-escoteiro sr. Wolfgang Karl. Esta colecção era constituída por muitas vinhetas publicadas no nosso país, carimbos comemorativos de actividades escoteiras das duas associações e respectivos sobrescritos especiais, e ainda pelos selos recentemente emitidos pelos C. T. T. e respectivos sobrescritos e postais com carimbo do primeiro dia, bem como da Exposição Filatélica. Tratava-se, portanto, de uma colecção muito completa e bem organizada.

TURQUIA

Os Correios deste país publicaram recentemente uma emissão de selos dedicada ao Escotismo da Turquia nas taxas de 30, 60 e 105 Kurus.

E. U. A.

Também os Estados Unidos da América publicaram, talvez em Julho passado, um selo de 4 c. dedicado às Guias daquele país.

* ● *

Foi concedida a Medalha de Mérito ao Escoteiro-Chefe José Manuel Pereira

O Boletim Oficial n.º 3/62, de 31 de Julho passado, confere a Medalha de Mérito, classe ouro, ao E. C. José Manuel Pereira, chefe do Grupo n.º 60, com sede em Vila Real de Santo António, por proposta do Delegado dos Serviços Centrais na Região do Algarve.

Sem dúvida, que esta distinção é bem merecida, pois o E. C. José Manuel Pereira é um dirigente dedicadíssimo, que se encontra à frente do seu Grupo há cerca de 14 anos, onde já anteriormente desempenhava funções de dirigente. É correspondente do «Sempre Pronto» e redactor do «Jornal do Algarve», semanário de boa difusão naquela província. Goza ainda de merecido prestígio naquela Vila, sendo muito estimado por todos que o conhecem. É portanto um Chefe que prestigia o Movimento, culto, competente e dedicado.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» felicitam o seu companheiro e cooperador.

ÚLTIMA NOTÍCIA

Vai ser remodelada a Direcção Central

Tendo em vista a requerida e necessária reactividade dos Escoteiros de Portugal, consta que vai ser reorganizada a Direcção Central.

O Sr. Comodoro Daniel Duarte Silva, pediu a resignação de Escoteiro-Chefe-Geral, cargo que ocupava desde 1952, tendo sido escolhido para o substituir o Sr. Comandante David de Carvalho, seu actual adjunto.

O Sr. Comandante Diogo Afonso transita para o cargo de Tesoureiro-Geral, em substituição do Sr. Júlio Rocha Borges, sendo o cargo de Secretário-Geral ocupado pelo antigo dirigente Sr. Albano da Silva.

Regozijamo-nos com as deliberações anunciadas pelo que elas significam de desejo de incentivar a vida associativa. A confirmar-se a saída do nosso Escoteiro-Chefe-Geral, ela reprensentará uma lamentável perda. O momento exige a congregação de todos os esforços e boas vontades, e o Sr. Comodoro Duarte Silva poderia ainda ser muito útil ao Movimento, dada a sua comprovada dedicação, espírito ponderado e profundo conhecimento dos problemas associativos.

* ● *

O "Sempre Pronto" na Beira

Por motivo das suas ocupações profissionais vai regressar à metrópole o nosso estimado amigo e solícito delegado na Beira-sr. Alfredo Pereira Jardim, que por esse motivo nos pediu a demissão do respectivo cargo.

«Sempre Pronto» apresenta ao sr. Alfredo Pereira Jardim o seu muito agradecimento pela colaboração que dedicadamente lhe prestou.

* * *

O nosso Delegado cessante teve a gentileza de convidar o sr. Alfredo Rodrigues, membro do Grupo de Escoteiros de Portugal, na Beira (Lusalite), para o substituir. Este nosso amigo acedeu prontamente a desempenhar o cargo, motivo por que o saudamos e lhe apresentamos as boas-vindas.

O Sr. Alfredo Rodrigues é natural de Vila Real de Santo António, tendo prestado compromisso de honra como Escoteiro no Grupo n.º 60. Foi elemento muito activo e competente naquele grupo, onde desempenhou diversos cargos, particularmente o de Instrutor e membro da Comissão de Honra e Patrocínio.

Sua Esposa foi a primeira chefe da Divisão Auxiliar Feminina, que funcionou junto daquela unidade, e os seus dois filhos foram escoteiros briosos e dedicados do mesmo Grupo. É, portanto, uma família escoteira.

Estamos certos que o Sr. Alfredo Rodrigues vai pôr no desempenho do seu cargo a sua habitual dedicação e interesse, pelos quais desde já apresentamos os nossos agradecimentos.

* ● *

Nomeações

O Boletim Oficial n.º 3/62 fez as seguintes nomeações:

Para chefes de Alcateia, de Tribo e de Clã do Grupo n.º 2, respectivamente, a Menina Carla de Freitas Lindo Madeira e os srs. Vítor Manuel Conceição Ferreira e Mário Luzano Pereira Leite. Para chefes de Tribo dos Grupos n.ºs. 7, 8 e 10, respectivamente os srs. Miguel da Silva Martins, João Constantino e Armando Morais.

Para chefe de alcateia do Grupo n.º 10, sr.ª D. Leonor Relvas.

Para chefes dos Grupos n.º 44, de Gaia; e 79, de Lisboa, respectivamente os srs. Joaquim da Rocha Saraiva e Luís Maria Saraiva

Aos dirigentes nomeados desejamos os maiores êxitos.

É bom saber...

O Plátano de Cós

Cós é uma ilha grega do mar Egeu. Foi o berço do célebre médico Hipócrates e do não menos célebre Apeles, o maior pintor da antiguidade. Na praça pública da cidade ergue-se um plátano magnífico que rivaliza com os de maior corpulência. Os seus ramos abrangem e cobrem toda a praça. Oprimidos pelo seu próprio peso, ter-se-iam quebrado se os habitantes não os tivessem escorado com numerosas colunas de mármore. Votam a este vegetal um culto não menos sincero, nem menos profundo, do que o que lhes inspiram os seus belos edifícios, testemunhas veneráveis de sua antiga grandeza.

Ali se reúne toda a população para realizar as suas festas solenes, ali se entrega aos folguedos, ali entoa seus cantos, ali descansa das lides quando o sol dardeja raios ardentes. Irmanada com cada um dos habitantes, a árvore tem sido comparticipante dos sucessos locais, e das alegrias e tristezas de cada um dos habitantes. Ao contemplá-la, estes não podem deixar de recordar a história local e de memorar os seus antepassados que ali deixaram recordações e pedaços da sua vida. E essa árvore multi-centenária é o laço de união do presente ao passado e ao futuro.

Prof. Antônio de Oliveira Matos

In Poesia da Natureza. Vegetais Maravilhosos. (Cosmos)

Origem dos nomes de algumas cidades brasileiras

Fortaleza foi assim chamado em virtude de uma fortaleza que ali foi construída por Martins Soares Moreno, em 1611.

Manaus era o nome de

3.ª coluna ——→

AS DESVENTURAS DO ZÉ ESCOTEIRO



Havia dias que não encontrávamos o nosso amigo Zé. Ele tinha ido acampar com a sua patrulha, que, diga-se de passagem, tem já uns bons escalpes (havemos de falar nela qualquer dia), quando ele se nos deparou na Calçada da Ajuda à procura de uma oportunidade para desatar o nó que trazia desde o dia anterior, porque onde estivera acampado não tinha conseguido fazer a B.A. do dia.

Correu para uma senhora que trazia dois cestos numa mão e com a outra ajeitava um monte de embrulhos, que se desmoronava pouco a pouco.

— Em que posso servi-la? — disse o Zé com o seu sorriso; talvez levar-lhe esses embrulhos. A senhora agradeceu e pediu-lhe para levar os dois embrulhos que pareciam prestes a cair.

Ele, com todo o cuidado, tirou os dois embrulhos e tudo o resto que a senhora levava.

E pronto: Lá ia ele assobiando um *twist*, feliz pela sua B. A. Mas, lá caiu um embrulho vermelho, que o Zé apanhou sem a senhora ver e lá conseguiu chegar ao destino.

Quando a senhora tentava tirar qualquer coisa do porta-moedas para dar ao nosso herói, ele disse: Minha senhora, eu sou Escoteiro e fiz a minha B.A. e por tal não devo aceitar qualquer recompensa. Mas antes de me retirar gostaria de saber para que era aquele cartucho vermelho.

Ela, um tanto estupefacta com a pergunta, respondeu:

— É meia dúzia de ovos para fazer uma omelete.

O nosso Zé sorriu, com o sorriso próprio para estas ocasiões, e disse:

— Pois escusa de a fazer. Já está feita!

HÉLDER MARTINS

ANEDOTAS

Estava a reunião do grupo de escoteiros a meio, quando um chefe da Região chegou e, depois de uma visita à secretaria e uns minutos de conversa com o chefe, foi dar uma vista de olhos pelos armários das patrulhas.

Parou em frente dum armário, passou o dedo por cima e disse: — Aqui há pó de pelo menos três meses.

Um escoteiro que estava próximo riu-se e comentou:

— Então a culpa não é minha! Só cá estou há dois meses.

H. M.

O chefe para o Escoteiro apontando-lhe o quadro a óleo:

— Vê lá tu que comprei ontem este quadro e hoje disseram-me que era do Salvador Dali.

— Deixe-os falar, Chefe, se o pagou é seu!

H. M.

ADIVINHAS

I

Qual é coisa, qual é ela,
Irmã da tua janela,
Que se a miram sempre há-de
Dizer-te toda a verdade!

II

Qual é a coisa, diga qual,
Que é vegetal com um pé
E com quatro é animal?
Pode ser também, não brinco,
Um animal e ter cinco.

uma tribo de índios tupis que ali vivia.

São Luís foi o nome que Daniel La Ravardière deu à cidade quando a tomou, em honra de S. Luís, rei de França.

Pernambuco vem de *Pera nabuco* palavra do idioma dos índios cahetés, que significa «rochedo cavado nas águas».

Soluções de Agosto

ADIVINHAS

I — Sol
II — Novo Testamento

PALAVRA QUADRADA

ROMA
OVAR
MALA
ARAR

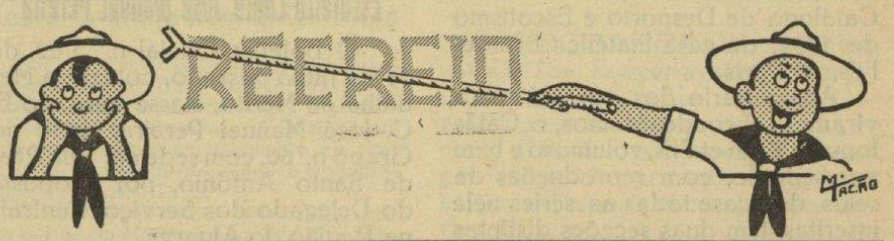
ACRÓSTICO

PEÓNIA
TÁCITO
LISBOA
TRECHO
CARLOS
TAMARA

PROBLEMA LITERÁRIO

AAAAAA B CC Ç DDD EEE I LLL M OOOO RR SS V

Com estas letras forme o nome de um poeta brasileiro e o título de um dos seus poemas mais conhecido.



PALAVRA QUADRADA

	1	2	3	4	
1					Nome de homem
2					Artigo indefenido
3					Embarcação
4					Serra de Portugal

ACRÓSTICO

1.	x x a x x	1. Utensílio doméstico
2.	x a x a x	2. Dizer
3.	a x a x a	3, Querida
4.	x a x a x	4. Triturar
5.	x x a x x	5. Parte de alavanca

SABES ISTO?

O NÓ DIREITO serve para unir duas espias de espessura diferente.

O NÓ DE ÂNCORA serve para unir duas espias da mesma espessura.

O NÓ CABEÇA DE COTOVIA serve para encurtar uma espia.

LAIS DE GUIA DUPLO serve para unir uma espia a uma argola.

BOTÃO DE FALCAÇAR serve para içar ou fazer descer uma pessoa.

●

Estão certas as aplicações dos nós?
— Então acerta-as se fores capaz.